

CARTA AOS AMIGOS, COLEGAS, PARCEIROS E FAMILIARES DE ANGELA

Caros amigos, colegas, parceiros e familiares da Maria Ângela Santa Cruz

Pude partilhar, nestes últimos 20 anos, de várias grupos e coletivos sustentados ativamente pela presença viva, incansável e absolutamente contagiante da Ângela, sendo que, em vários destes grupos, ela foi peça fundamental na sua proposição e invenção.

Alguns destes grupos tinham como tarefa a construção de ferramentas para nossas intervenções clínico-políticas, como foi o caso do Grupo de Estudos Clínica Transdisciplinar, iniciado no final dos anos 1990, e que teve o Sedes como seu lócus de funcionamento por um longo tempo. Outros eram grupos com a tarefa de formação, como a equipe do *Curso Adolescência e juventude: sua clínica e suas instituições*, que pude integrar por um curto mas intenso período.

Mas quero me deter aqui em duas outras dimensões de seu trabalho, já no âmbito do Núcleo de Referência em Atenção à Adolescência e à Juventude (NURAAJ) da Clínica Psicológica do Instituto Sedes: a primeira, a participação do NURAAJ no Grupo de Trabalho *Saúde Mental e Justiça*, desde a sua formulação em 2008, com outros parceiros, como o meu núcleo de pesquisa na Psicologia Social da PUC, o CRP-SP, a Defensoria Pública, o Cedeca Interlagos. Tratou-se de um ativismo que combatia as formas de patologização e criminalização da adolescência e da juventude e que teve como seu marco principal a luta pela desinstitucionalização de uma espécie de manicômio judiciário para jovens: a Unidade Experimental de Saúde. Aqui a presença sempre corajosa de Ângela foi decisiva para trazermos a público, como ela dizia, o caráter experimental deste equipamento enquanto experiências de tecnologias médicas eugenistas sobre os corpos dos jovens, evidenciando as conexões perigosas entre certa psiquiatria praticada nos mais reconhecidos centros de pesquisa e o racismo de estado. Sua coragem de dizer a verdade bem como de debater temas espinhosos quando do envolvimento de adolescentes em atos infracionais graves foram uma espécie de bússola permanente deste grupo.

A segunda dimensão do trabalho do NURAAJ pude conhecer por meio do acolhimento que Maria Ângela e sua equipe fizeram de diversas situações críticas que adolescentes e jovens passavam (alguns encaminhados pela Clínica da PUC). Não houve uma situação em que não encontrássemos no NURAAJ uma posição de acolhida permanente e uma experimentação do que ela gostava de chamar de clínica-rede e de clínica da afetabilidade. Clínica-rede quando terapeutas, assim como os jovens do grupo, saem diferentes de quando se entrou; quando janelas e a ampliação da potência de vida se abrem para todos. Eu cito texto em que Ângela fala desta clínica: “Uma clínica com adolescentes, esses sobreviventes, convoca em nós, analistas, uma disposição para a afecção, uma abertura para o estranho, uma porosidade para as intensidades. Por tudo isso, e também pelo muito que sobra de indizível, uma clínica da afetabilidade”. Neste mesmo texto ela relata a escrita de uma

adolescente que foi acompanhada na clínica grupal do NURAAJ, uma destas sobreviventes.

Cito o texto da jovem que Ângela reproduz no seu artigo: “Um dia... acordei e percebi que ainda respirava, meu coração ainda batia, meu cérebro estava alerta, eu tinha pernas e pés úteis, braços e mãos ágeis, olhos observadores, ouvidos apurados, boca que, quando aberta, saía falas. Tudo isso me intrigou: - “Nossa, ainda estou viva?!” Não que eu estivesse muito doente, ou sofrido um feio acidente, tampouco tinha levado um tiro, nem mesmo estive em coma. O que me deixou surpresa foi que durante todo este tempo, os quase vinte anos de vida, pensei e falei que eu não duraria muito e quase tudo o que fiz foi para que a hora da partida chegasse logo, mesmo inconsciente. Por isso, nunca me preparei para o futuro, pois para mim não havia futuro. Hoje... Não tenho um estudo completo, não tenho um trabalho, muito menos conta no banco, mas (dou) graças a Deus por ter pernas, braços, olhos, ouvidos, coração batendo, cérebro alerta, e hoje uma vontade imensa de viver mais alguns anos para aproveitar tudo isso que eu tenho, que sou eu, e uma vida para aprender coisas, planejar projetos, sonhar, conquistar... saber fazer coisas para o amanhã, sem deixar de viver o hoje.” Encerra o texto da jovem.

Ângela afirma, quanto a este efeito na vida da jovem, que “nascer pela segunda vez, como um ato desejante, poder optar pela vida é algo que depende de uma condição construída coletivamente.” Creio que Ângela não parou de produzir as condições de uma *entrada permanente na vida* para os adolescentes e jovens com os quais trabalhou e para todos que cruzaram seu caminho.

Em 2015, Ângela frequentou o Núcleo de Pesquisas Lógicas Institucionais e Coletivas que coordeno no Pós de Psicologia Social da PUC sempre que pôde, com o desejo de seguir a escrita e a tarefa de transmitir suas experiências. Não pudemos ter o tempo necessário para concluir esta tarefa, mas quero testemunhar aqui, pelo muito que sobra de indizível, que sua clínica da afetabilidade, que era imediatamente seu modo de estar no mundo, um modo aberto às intensidades, segue inscrito em nossas vidas.

Maria Cristina Vicentin, 20.05.2016